

TV Coroados de Londrina: resgate histórico e visual da primeira emissora de televisão do interior do Brasil

BONI, Fernanda Aiex
Mestranda em Comunicação
Universidade Estadual de Londrina (Pr)

PIVETA, Patrícia Rosana
Mestranda em Comunicação
Universidade Estadual de Londrina (Pr)

História da televisão brasileira

Empurrando os jogadores de peteca com o ombro, Chateaubriand tira do bolso do paletó um pedaço de giz e vai riscando o chão e dando ordens em voz alta ao homem que estendia a trena sobre o cimento:

- Aqui vai ser o estúdio A. Agora espiche a trena para o lado de lá, ali vai ser o estúdio B. Veja se confere com o mapa.

Walter Foster se aproxima cautelosamente do patrão e pergunta:

- Mas doutor Assis, o senhor está pretendendo acabar com o nosso campinho de peteca?

Sem se levantar por completo, ele apenas ergue os olhos com desdém:

- Vocês vão jogar peteca no diabo que os carregue: aqui vão ser os estúdios da TV Tupi. (MORAIS, 1994, p.496)

Assim começou a construção da televisão brasileira, em 1949, na cidade de São Paulo, pelo visionário e empreendedor Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Melo, dono dos *Diários Associados*. “Desapropriar” o campinho de peteca foi fácil. Bem mais difícil foi superar o rádio, o maior e mais popular meio de comunicação da época. E foi a partir dele que se deram os primeiros passos da televisão no Brasil.

Para montar a equipe que dirigiu o novo meio de comunicação Chateaubriand, ou Chatô (como o jornalista e empresário ficou mais conhecido), recorreu ao rádio. Dele trouxe importantes nomes, que assumiriam cargos de direção na pioneira *TV Tupi*. Para realizar o sonho de dar início à televisão no Brasil, o empresário investiu cinco milhões de dólares em equipamentos.

A árdua missão de colocar uma emissora no ar e conquistar a audiência, que até então era do rádio, tornou-se ainda mais difícil em razão da inexperiência dos envolvidos. Para ajudá-los não havia nem mesmo modelos em outros países para serem

copiados. “[...] naquele ano só três canais de TV funcionavam em todo o mundo: um na Inglaterra, um na França e um nos Estados Unidos” (MORAIS, 1996, p.498). O canal norte-americano era o único privado e, portanto, o que mais se aproximava do modelo brasileiro.

Chateaubriand construiu o prédio, investiu em equipamentos e contratou pessoal. Em 18 de setembro de 1950, iniciou as transmissões. Estava inaugurada a televisão no Brasil. Para quem convive com a popularidade da televisão hoje, fica até difícil imaginar que, no dia de sua inauguração, a emissora transmitia sinais para menos de 200 televisores, todos comprados – por meio de contrabando – pelo próprio Assis Chateaubriand, que os deu de presente a amigos.

Junto com a *TV Tupi* surgiu também o primeiro telejornal do país: *Imagens do dia*. “Quatro meses depois, em janeiro de 1951, entrava no ar a segunda emissora do país, a *TV Tupi do Rio*” (PATERNOSTRO, 1999, p.29). Já em 1953 estreou o *Repórter Esso*, noticiário que ficou no ar por quase 20 anos como líder de audiência.

Na época, a programação era ao vivo e em preto e branco. Nos dez primeiros anos de atividades no Brasil, o aparelho televisor era um artigo de luxo. Paternostro (1999) lembra que, em razão disso, a programação seguia uma linha mais “elitizada” para acompanhar as preferências da audiência. Ao mesmo tempo, no entanto, programas radiofônicos ganharam versões para a televisão.

Nos anos 60 a televisão se consolidou no Brasil. O preço do aparelho diminuiu e cada vez mais pessoas podiam comprá-lo. Assim, emissoras foram abertas em vários estados e a televisão se popularizou. Era o início da “vitória” sobre seu principal concorrente na preferência popular, o rádio. Ainda nessa década, com a chegada do videoteipe – equipamento que permitia a gravação de programas para exibição posterior – a televisão deu um salto de qualidade na programação. O grupo de Chateaubriand não deu atenção para este fato, como mostra Moraes (1994, p.614):

Com o surgimento, em 1959, do videoteipe, que começaria a ser utilizado em larga escala em 1960, o destino natural da televisão era a formação de *networks*, as redes com programação centralizada e retransmitidas por fitas – exatamente o contrário do que o jornalista fazia com os canais que ia inaugurando aos borbotões, cada um deles com uma direção, uma política, uma programação própria.

A preferência do público, no início da década de 60, era disputada por algumas emissoras de televisão: a *Tupi* e a *Record*, ambas com sede em São Paulo e Rio de

Janeiro, e a *Excelsior*. Em 26 de abril de 1965, entrou no ar a emissora das Organizações Globo, no Rio de Janeiro:

É nessa mesma época que se constitui a Embratel – Empresa Brasileira de Telecomunicações. A Embratel interliga o Brasil através de linhas básicas de microondas – rotas – e adere ao consórcio internacional para utilização de satélites de telecomunicações – o *Intelsat*. Estava criada, então, a estrutura para as redes nacionais de televisão (PATERNOSTRO, 1999, p.31).

A década de 70 chegou com transformações importantes. As empresas televisivas passaram a trabalhar realmente como redes, com programação nacional e produção concentrada no eixo Rio - São Paulo. Mas a censura militar restringiu, em parte, a programação e os avanços tecnológicos que propiciaram a transmissão em cores, a partir de 1972.

Em julho de 1980, a Rede Tupi foi cassada pelo governo federal, em decorrência de problemas financeiros considerados insolúveis. Seu espólio foi dividido entre os grupos empresariais de Sílvio Santos e Adolfo Bloch. Assim, em 1981 o empresário Sílvio Santos inaugurou o Sistema Brasileiro de Televisão (SBT), que já no final da década chegou a vice-líder nacional de audiência. Adolfo Bloch inaugurou a Rede Manchete, que não viu chegar os anos 90.

Atualmente, a televisão brasileira vive um momento de transformações tecnológicas com a chegada da Televisão Digital de Alta Definição, a HDTV. No dia 2 de dezembro de 2007 foi realizada a primeira transmissão neste formato, apenas para a cidade de São Paulo. O Sistema Brasileiro de Televisão Digital Terrestre é uma mistura do padrão japonês que, adequado com iniciativas próprias, permite melhor definição de imagem e som, mais canais em cada faixa de frequência e maior interatividade com o público.

A chegada da primeira emissora de televisão a Londrina

Em 21 de setembro de 1963, a televisão brasileira tinha apenas treze anos de existência e Assis Chateaubriand já inaugurou, em Londrina (PR), a *TV Coroados* – a primeira emissora de televisão do interior do país, com atividades ininterruptas até os dias atuais. Anos antes, em 1959, havia sido inaugurada uma emissora em Ribeirão Preto (SP), que funcionou pouco mais de dois anos, retransmitindo a programação da

TV Tupi. Segundo Barbosa e Carreira (2006), a tentativa de manter uma emissora fora das capitais fracassou por vários motivos: baixo número de receptores na cidade, equipamentos precários, que deixavam o canal até três dias fora do ar, e um temporal que derrubou a torre de transmissão sepultando pelos dezoito anos seguintes o sonho de colocar no ar uma emissora de televisão. Assim, quando a *Coroados* foi inaugurada, não existia nenhuma outra emissora em funcionamento no interior do país.

Em Londrina, o sonho foi planejado. Em 1960, três anos antes da inauguração, Assis Chateaubriand esteve na cidade a convite de Horácio Coimbra – então diretor da Companhia Cacique de Café Solúvel. Outros empresários o aguardavam para uma reunião no Cine Ouro Verde. O grupo londrinense queria seu apoio para construir uma emissora de televisão na cidade – que vivia uma explosão econômica jamais vista, graças ao cultivo do café, o “ouro verde” que tinha liquidez e mercado garantido. Chateaubriand foi o maior acionista na construção da *TV Coroados*. Parte dos recursos para o empreendimento veio da emissora que os Diários Associados mantinham em Curitiba, a *TV Paraná*, inaugurada em 19 de dezembro de 1960. Também já estava no ar, na capital do estado, a *TV Paranaense* – canal 12 – cujas transmissões haviam iniciado dois meses antes, por iniciativa do veterano empresário do rádio Nagibe Chede (JÚNIOR, 2001).

Segundo Júnior (2001), a *TV Paraná* abriu grande espaço para o telejornalismo. A produção revelou talentos nos programas de auditório e nas novelas e conseguiu a liderança com o reforço do elenco da *TV Tupi* de São Paulo. Nesta época havia dinheiro suficiente em caixa para dar início ao projeto da *TV Coroados*. A notícia rapidamente se espalhou pelo interior do estado e causou grande expectativa à época.

Um dos incentivadores do projeto foi o proprietário do jornal *Folha de Londrina*, João Milanez, que desenvolveu uma campanha educativa junto aos leitores. Todos os dias havia anúncios mostrando como usar a televisão, com informações sobre o que é sintonia, canal, etc. (ROCHA, 2003), criando a expectativa em torno do novo veículo. Essa campanha foi uma importante estratégia de “convencimento” para que as pessoas de melhor poder aquisitivo comprassem televisores.

Um prédio foi construído e projetado especialmente para abrigar a televisão – fato raro à época, pois a maioria das emissoras existentes operava em espaços adaptados. O local é até hoje a sede da *TV Coroados*. Chateaubriand não pôde comparecer à festa de inauguração por problemas de saúde. Vítima de trombose cerebral, vivia em uma cadeira de rodas. Na solenidade, foi representado pelo

superintendente da Rede Tupi, Luiz Edmundo Monteiro. Até 1976 a *Coroados* retransmitiu a programação da *TV Tupi*. Em 1973 foi vendida para o empresário Paulo Pimentel, que a vendeu em 1976 para o empresário Oscar Martinez. Desde então transmite a programação da Rede Globo – tendo apenas uma curta interrupção – de março a novembro de 1979, quando a empresa foi negociada com a Rede Paranaense.

A memória perdida

Ao longo de anos registrando a história de Londrina e de todo o norte do Paraná, não houve, por muito tempo na emissora, a preocupação de criar um acervo bem estruturado. Talvez no início ninguém imaginasse que a *TV Coroados* duraria tanto tempo e que seria tão importante para o desenvolvimento do município. Parte dos registros foi guardada, mas sem um critério profissional. Quase sempre essa função ficava a cargo de um funcionário não especializado em arquivo. Os próprios cinegrafistas chegaram a ser os responsáveis pelo acervo. O primeiro cinegrafista da emissora, Jorge Tashibana, conta que ele próprio arquivava o que produzia, guardando os filmes junto com o texto, identificando-os apenas com a data de produção. Hoje, a emissora, a cidade, a região e a própria história se ressentem da falta de um profissional especializado em documentação e arquivo, que tivesse responsabilidade de um trabalho sistematizado e compromisso com a preservação da memória.

Pior que isso: grande parte desse material se perdeu ao longo do tempo. Ninguém sabe ao certo os motivos; alguns afirmam que houve um tempo em que a direção da emissora parecia desprezar o acervo. Segundo estes, ela chegou, inclusive, a ordenar que fossem jogados no lixo os rolos de filmes amontoados pelas salas. Uma perda inestimável para a história de Londrina; infeliz episódio que impossibilita o resgate das imagens dos primeiros anos de produção e transmissão da *TV Coroados*.

A partir da década de 80 a emissora passou a se preocupar com a preservação do material produzido – e com o resgate da produção – e criou um Departamento de Documentação. Mesmo assim, parte do material mais recente acabou se deteriorando devido às condições inadequadas de armazenamento das fitas magnéticas, que precisam de refrigeração constante. Atualmente há um cuidado maior com o arquivo. Na sede da rede, em Curitiba, há um departamento responsável pelo acervo e na emissora, em Londrina, há um funcionário específico para este trabalho. Por enquanto, todo o acervo

da emissora é guardado em fitas, mas existe um projeto para digitalizar o arquivo e armazená-lo em Cd's, para minimizar a deterioração do material e facilitar e agilizar o acesso.

Como boa parte do acervo imagético se perdeu, hoje é preciso recorrer a outros meios para resgatar a memória da *TV Coroados*, pois ela protagonizou fatos importantes para a memória da televisão brasileira e que não podem cair no esquecimento. Uma das estratégias é recuperar, por meio da história oral, o que está na lembrança de pessoas que fizeram parte dessa história. Para ajudar nesta tarefa, foi adotado outro procedimento: recuperar fotografias do acervo pessoal dessas pessoas, pois elas são documentos valiosos, fundamentais para enriquecer os depoimentos pessoais:

É incontestável afirmar que a fotografia pode ser considerada um dos grandes relicários, documento/monumento, objeto portador de memória viva e própria. [...] Com elas reassumimos nossa condição de existência; com elas descobrimos que podemos preservar a lembrança dos grandes momentos e das pessoas que nos são importantes: são referências da nossa história, elas existem para nunca deixarmos de lembrar desses momentos (FELIZARDO; SAMAIN, 2007, p.217).

História oral

Uma das maneiras mais eficientes propostas pelos historiadores para recuperar histórias de empresas, cidades e instituições é a história oral, que nada mais é que “uma prática de apreensão de narrativas feita por meio do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato” (MEIHY, 2002, p.13). A academia, mais vinculada à cultura formal e escrita, demorou muito tempo para reconhecê-la enquanto forma eficiente de resgate de conhecimentos. No Brasil isso se deu, principalmente, a partir de 1980, com o intuito de recuperar parte da história abafada pela censura militar nos anos 60 e 70.

Este recente instrumento garante que “o objetivo central da coleta de depoimentos não se esgota na busca da verdade e sim na da experiência” (MEIHY, 2002, p.49). Foi com este intuito que foram ouvidos depoimentos de pessoas que trabalharam e ainda trabalham na *TV Coroados*. Estes testemunhos enriqueceram o processo narrativo e demonstraram que, dada a ausência de arquivos sobre seus primeiros vinte anos, a história oral pode – e deve – ser apresentada como um recurso apropriado e eficiente para a recuperação de fatos e acontecimentos que marcaram a

trajetória da emissora. Este artigo representa apenas o primeiro passo. Muitas outras pessoas irão contribuir, em um futuro próximo, na reconstrução desta história repleta de desafios e surpresas. Com seus depoimentos e fotografias, elas ajudarão a sociedade a entender os porquês da emissora continuar no ar, quase cinco décadas depois de sua fundação.

Os primeiros desafios

Em 1965, um forte temporal atingiu Londrina e derrubou a torre de transmissão da televisão que, em razão disso, ficou fora do ar por dois dias. Esse episódio ficou gravado na memória dos funcionários que trabalhavam na emissora, à época. Esses profissionais, independentemente do cargo ou função que exerciam, se empenharam em colocá-la novamente no ar, como relata Otacílio de Oliveira, um dos primeiros funcionários da *TV Coroados*:

Caiu em cima da redação e foi até o meio do outro lado do asfalto, a torre era alta. Sorte que não tava passando carro e não teve acidente. Daí teve que fazer uma torre improvisada no jardim. Era estreita, de uns 15 metros de altura mais ou menos. [...] Eu ajudava, carregava os ferros [...]. Eram umas quinze pessoas trabalhando, a maioria era funcionário. Quando voltou a funcionar, foi uma felicidade. [...] O pessoal na cidade reclamou quando a TV ficou fora do ar, fez uma falta danada.¹

Mesmo improvisada, a torre erguida com a ajuda dos funcionários cumpriu bem sua função e o sinal chegou até o interior do estado de São Paulo. Os apresentadores pediram para que os telespectadores ligassem para a redação e informassem de onde estavam assistindo a programação. Muitos ligaram acusando que a transmissão havia retomado a normalidade na cidade onde residiam. “Técnicos de São Paulo vieram avaliar a torre e constataram que todas as placas de transmissão estavam dentro das frequências” (CAMARGO, 2003, p.22-23).

A *TV Coroados* seguiu os passos de suas antecessoras, em funcionamento nas capitais brasileiras. Do rádio vieram os profissionais e as idéias para os programas, alguns, inclusive, eram meras cópias do que se fazia no rádio. Um desses profissionais, hoje com 84 anos, é Aymoré Klay. Cria do rádio, ele apresentou programas de

¹Otacílio Aparecido de Oliveira. Entrevista concedida a Patrícia Rosana Piveta, dia 31 de março de 2008, no prédio da *TV Coroados*, em Londrina.

entretenimento na *Coroados*: “Não foi nada difícil, não. Eu pulei no palco da televisão e já saí apresentado o programa porque eu apresentava aquilo em rádio.”²

Mauro Ticianelli, um dos primeiros diretores de jornalismo, também tem muitas lembranças desde o último dia em que trabalhou na emissora, há quase 40 anos: “Nós não tínhamos pauta, você já viu trabalhar sem pauta? Nós não tínhamos repórter. [...] O cinegrafista, o Jorge Tashibana, saía às ruas e não tinha repórter junto. O texto era feito desassociado da imagem”.³



Figura 1 – Otacílio de Oliveira ao lado da primeira câmera no estúdio da TV Coroados

Fotografia: Autor desconhecido (Acervo pessoal do funcionário)

Quanto à tecnologia as dificuldades eram mais ou menos as mesmas nas emissoras da capital e do interior. Mas é claro, as que estavam nos grandes centros desfrutavam da prioridade das inovações tecnológicas. Todos os equipamentos que entravam em desuso nas capitais eram trazidos para a *TV Coroados*. Mesmo assim, a emissora estreou com bons equipamentos à época. Uma das fotografias guardadas com carinho por Otacílio de Oliveira mostra as câmeras de estúdio da década de 60 (figura 1).

Impossível garantir que não acontecessem imprevistos e muitos imprevistos na época em que tudo era feito ao vivo. E não havia trégua nem mesmo nos intervalos. Era durante a produção dos comerciais, que os erros apareciam com maior frequência:

² Aymoré Klay. Entrevista concedida a Patrícia Rosana Piveta, dia 4 de dezembro de 2007, no prédio da *TV Coroados*, em Londrina.

³ Mauro Ticianelli. Entrevista concedida a Patrícia Rosana Piveta, dia 5 de dezembro de 2007, no prédio da *TV Coroados*, em Londrina.

Tinha um rapaz aqui, o nome dele era Baltazar, ele era contra-regra e diretor de estúdio. E era metido a dirigir, buscava, pegava, manobrava aqui dentro, então ele foi fazer com o trator. Deu partida, o trator começou a andar, e ele não conseguia fazer o trator parar. E aqui (no estúdio) era cheio de cenários [...] o trator foi rebentando tudo quanto é cenário [...], “vuuuu”, só parou na parede.⁴

O departamento de jornalismo também trabalhava com grandes dificuldades. O primeiro telejornal – *Notícias Transparaná* – foi apresentado por Antônio Belinati, ex-radialista que veio a se eleger prefeito de Londrina na década de 70 e voltou a ocupar o cargo por mais duas vezes, na década de 90. Jorge Tashibana, o primeiro cinegrafista da emissora, conta que havia dificuldades em tudo. Diz que tinha que anotar o que produzisse, fazer uma espécie de relatório que era passado ao redator ou ao editor. Assim, filmava, revelava os filmes e depois montava as cenas de acordo com o que fosse escrito. Tashibana conta que muitas vezes ia até o local fazer uma matéria sem saber o que estava acontecendo. Chegando lá, tinha que se informar, anotar tudo e, principalmente, levar as informações corretas. E mesmo os improvisos deixaram saudades, tanto que os olhos desse senhor de 76 anos se enchem de lágrimas ao falar da profissão. Atrás das câmeras Tashibana conheceu muitas tecnologias diferentes. Recebeu os mais diversos equipamentos durante o tempo que trabalhou com televisão. Mas ele se lembra bem que realmente nunca eram novos. No início tudo era gravado em filme 16 mm, como relata:

Eu filmava nesse filme de 16 mm. O filme era negativo, então no telecine o próprio equipamento positivava. [...] E depois veio a sonora, vinha a lateral magnético que grava som. Fazia a entrevista, já saía a voz do entrevistado, mas era limitado. Aí o entrevistado já perguntava: quer trinta segundos, quarenta segundos de resposta? Porque era filme, não podíamos dar um minuto, dois minutos. Aí alongava muito.⁵

As fotografias são importantes instrumentos de recordação, mesmo para os que fizeram parte da história. Olhando para a fotografia de Otacílio de Oliveira e sua câmera (figura 1), Jorge Tashibana aponta as dificuldades da época:

Esta é a primeira câmera de televisão do estúdio. Aí, tem grande angular (a objetiva pequena), essa aqui é a normal, e essa aqui é a teleobjetiva (mais abaixo). Mas não tinha zoom, era só virar a lente. Hoje puxa a imagem, leva a imagem. Quando era pra mudar a lente pra objetiva, por exemplo, aí cortava para a outra câmera, aí acertava o foco tudo e só depois o diretor cortava pra ele. Essas câmeras exigiam muita iluminação.⁶

⁴ Otacílio de Oliveira. Entrevista concedida em 31 de março de 2008.

⁵ Jorge Tashibana, primeiro cinegrafista da *TV Coroados*. Entrevista concedida a Patrícia Rosana Piveta, dia 4 de abril de 2008, no Ponto de Táxi em que trabalha, no centro de Londrina.

⁶ Jorge Tashibana. Entrevista concedida em 4 de abril de 2008.

Quanto mais olhava as fotografias, mais lembranças narrava. Outra fotografia do acervo de Otacílio de Oliveira, lembrou mais um procedimento descrito por Tashibana (figura 2): “Esse aqui era onde fazia corte de imagem, da câmara vinha pra cá e fazia o corte. Bem ao lado fica o som. As câmeras funcionavam com válvulas”, explica.

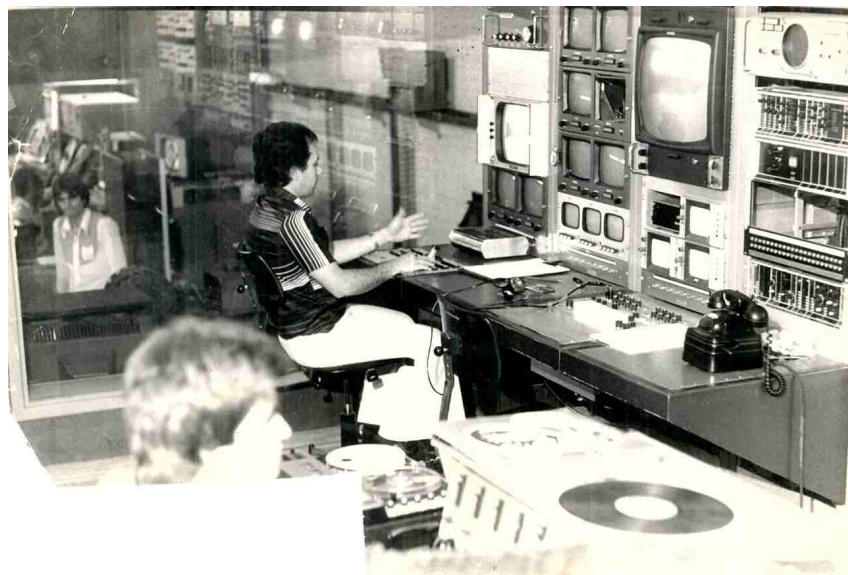


Figura 2 – Suíte da *TV Coroados*
Fotografia: autor desconhecido (arquivo pessoal de Otacílio de Oliveira)

O que era filmado nas externas, que não entrava ao vivo, precisava ser revelado, como se fosse fotografia. Segundo Tashibana, a velocidade de trabalho era um requisito fundamental: “O filme tinha que sair rápido, em cinco, dez minutos, porque tinha que ir pro ar”, recorda. Lembra ainda dos ruídos que as câmeras de externa faziam:

Era igual relógio, você dava corda e ela funcionava. Fazia barulho tanto na hora de dar corda quanto na hora de fazer a imagem. Não era assim tanto barulho, mas dava pra chamar atenção. Por exemplo, que nem na catedral o bispo até disse que tirava a atenção dos fiéis, ele expulsava a gente lá de dentro. [...] Mas era bem rapidinho, só pra captar a cena, só pra registrar. A gente não fazia imagem de cinco, dez minutos, não. Era questão de trinta segundos [...]⁷

A fala de Jorge Tashibana é corroborada pelo jornalista Chico Amaro, que também trabalhou na emissora na década de 70. Ele não se esquece do que viu e viveu profissionalmente, principalmente da forma de fazer reportagem e dos equipamentos barulhentos.

Naquele tempo basicamente o repórter saía às duas horas da tarde pra prefeitura e ficava lá perguntando: “tem notícia ou não tem, tem notícia ou não tem?” [...] As máquinas mais antigas, as piores, faziam muito barulho; as melhores eram mais

⁷ Jorge Tashibana. Entrevista concedida em 4 de abril de 2008.

silenciosas, porque eram a pilha, mas tinha uma que era a corda. Tinha uma manivelinha na máquina então depois quando apertava o gatilho a manivelinha andava ao contrário e ela fazia barulho... prããããã. E veio um grande pianista se apresentar no Ouro Verde e o pianista tava lá dedilhando Debussy, o cinegrafista sobe no palco sem perguntar pra ninguém se podia, e prããããã, ali a três metros do cara. (risos) Aí o cara parou e disse: “ou toco eu ou toca você.”⁸

Anos depois chegava o videoteipe (figura 3), equipamento moderno, que permitia a gravação em fitas para posterior exibição e dispensava o procedimento de revelação: Tashibana mostra a fotografia e explica: “Essa aí já é videoteipe, JVC, já mais moderna, não é mais com filme, é com fita. [...] Melhorou bastante porque o vídeo é tudo automático, grava som, som ambiente, entrevista com microfone, é colorida.”⁹



Figura 3 – Jorge Tashibana com a câmera de videoteipe
Fotografia: autor desconhecido (arquivo pessoal do cinegrafista)

E se era difícil levar a informação à casa do telespectador, mais complicada ainda era a censura imposta pelo governo militar nas décadas de 60 e 70. Mas, se a ditadura calou a voz, não apagou a memória dos jornalistas da época. Chico Amaro é um dos que se lembram daqueles anos. Para ele, um tempo importante para o jornalismo, apesar da mordaza. Longe dos grandes centros a censura era menos dura com a imprensa. Na televisão do interior do Paraná, segundo Mauro Ticianelli, então chefe de jornalismo da *TV Coroados*, a censura oficial era relativamente branda. O pior, para ele, era praticar o jornalismo com restrições internas: “Nós tínhamos autocensura. Éramos a única emissora de televisão do Brasil que tinha autocensura”.

⁸ Joaquim Francisco Gonçalves de Brito Amaro, editor da *TV Coroados* na década de 70. Entrevista concedida a Patrícia Rosana Piveta, dia 31 de março de 2008, na Universidade Estadual de Londrina, onde trabalha atualmente.

⁹ Jorge Tashibana. Entrevista concedida em 4 de abril de 2008.

O primeiro chefe de jornalismo da *TV Coroados*, Eudes Brandão, era delegado de polícia e foi substituído por Mauro Ticianelli, também delegado, daí a autocensura. Jorge Tashibana, o cinegrafista, diz que isso não interferia no seu trabalho. Talvez porque quando o mandavam para as coberturas jornalísticas os assuntos já tinham passado pela “peneira” que existia dentro da emissora. É o que explica Mauro Ticianelli:

“Eles me deram uma missão bastante complicada, quer dizer, a autocensura. Nunca teve um delegado de polícia, ninguém externo na redação. A censura era eu quem tinha que fazer, sob minha responsabilidade. [...] Era a época que a gente recebia aqueles: “não deveis publicar”¹⁰

Mas Ticianelli confessa que nem sempre os pedidos eram atendidos:

Eu dava uma “toreada” nela (na notícia), eu tinha habilidade, eu tinha um pessoal bom comigo. Eu tinha o Estélio Feldman que era o meu redator, o Coutinho Mendes, tinha o Serjão. [...] eu não sei como é que nós sobrevivemos e nunca fui tirado do ar. Só tive uma censura quando o Rademaker¹¹ veio a Londrina. O Paulo Pimentel (então proprietário da emissora) tinha caído em desgraça [...] e o meu cinegrafista tinha filmado muito ele (Paulo Pimentel) ao lado do Rademaker e [...] o governador do estado pediu pra não publicar, mas eu publiquei.¹²

Com erros, amadorismo e muita disposição a *TV Coroados* fazia – e contava – a história de Londrina, da região e de seus personagens. Pessoas que gostavam de ver e de se ver na televisão. Era quando os programas de auditório lotavam o estúdio, que até hoje é utilizado. Recentemente, com o início da digitalização, a redação foi transferida para o estúdio e tornou-se o próprio cenário dos telejornais. Isso só foi possível porque, hoje, a produção da emissora se restringe ao jornalismo. Leila de Oliveira frequentou este espaço muitas vezes. Conheceu o marido, Otacílio de Oliveira, num programa de auditório. Ele era o *cameraman* de estúdio, ela uma tiete privilegiada que aparecia mais que qualquer outra durante as transmissões. Acabou trabalhando na emissora entre os anos de 76 e 77 e não esquece o tempo em que se divertia como tiete: “Era um negócio muito chique pra gente. As meninas na escola perguntavam: nossa como é que você

¹⁰ Mauro Ticianelli. Entrevista concedida em 3 de abril de 2008.

¹¹ Almirante Augusto Hamann Rademaker Grunewald. Comandou o país junto com outros dois militares, general Aurélio Lira Tavares e o brigadeiro Márcio Souza e Mello, quando da doença de Costa e Silva, em 28 de agosto de 1969. A junta dirigiu o Brasil até a eleição indireta, pelo Congresso Nacional, em 25 de outubro de 1969, do general Emílio Garrastazu Médici para a Presidência da República e do almirante Rademaker, ministro da Marinha, para a vice-presidência.

¹² Mauro Ticianelli. Entrevista concedida em 3 de abril de 2008.

conseguiu isso? (passar na televisão). Aí elas descobriram que eu estava namorando o *cameraman*” (risos).¹³

Apesar de ser vista por tantos conhecidos, ela própria não se via na televisão, posto que a programação era ao vivo. Leila conta que muitas crianças da vizinhança freqüentavam sua casa – uma das poucas com televisão – para assistir aos programas. Encanto para a criançada era ver os três personagens mais cativantes da história da emissora. Quem viveu aquela época não esquece dos programas de auditório da Tia Lucy (figura 4) e dos palhaços Piccolino e Castelinho. Em entrevista na década de 80, Tia Lucy (já falecida) falou ao jornal local sobre o fascínio que uma emissora de televisão exercia nas pessoas: “Nós tínhamos que explicar o que era a televisão, como é que ela funcionava, como é que se entrava na emissora de televisão, porque perguntas deste tipo eram feitas na época... Que ninguém conhecia.”¹⁴



Figura 4 – Programa Festival Infantil, apresentado por Tia Lucy (ao fundo). Operando a câmera 3, Otacilio de Oliveira. À direita, a platéia de crianças.
Fotografia: autor desconhecido (arquivo pessoal de Leila Oliveira)

¹³ Leila de Oliveira, ex-funcionária da emissora. Entrevista concedida a Patrícia Rosana Piveta, dia 31 de março de 2008, no prédio da *TV Coroados*, em Londrina.

¹⁴ Arquivo da *TV Coroados*.

Os mistérios relacionados à televisão começaram a diminuir com a popularização cada vez maior deste veículo de comunicação. No caso da *TV Coroados* os anos seguintes foram de grande importância para a disseminação da marca “Coroados” que passou a se tornar familiar para os londrinenses. A emissora acompanhou e acompanha o desenvolvimento da região. Em 1979, já integrando a Rede Paranaense, investiu forte no jornalismo. Nos anos 80, com o videoteipe cada vez mais popular, os noticiários ganharam qualidade e agilidade. Na década de 90 a preocupação passou a ser, mais enfaticamente, com o profissionalismo e com a credibilidade nas produções jornalísticas. Nesta época a emissora começou a enfrentar uma maior concorrência dos programas locais de outras tevês. Com a programação atrelada à Rede Globo o espaço para a produção local ainda é pequeno, cerca de 15 minutos por dia. Acostumados com o pioneirismo, o público londrinense passou a exigir cada vez mais da programação da *TV Coroados*, que respondeu com investimentos em tecnologia e em profissionais, acreditando na proposta de integrar o estado.

A marca RPC - Rede Paranaense de Comunicação - foi criada em Novembro de 2000, com a intenção de ser o maior e melhor provedor de informação, serviço e entretenimento do Paraná – um estado com dez milhões de habitantes. A RPC tem hoje mais de 1800 colaboradores, setenta na *TV Coroados*. O sinal da emissora de Londrina chega a 55 municípios do norte do estado, atingindo quase um milhão e trezentos mil telespectadores. A visão RPC de jornalismo é resumida assim pelo diretor Wilson Serra:

A prestação de um serviço positivo, para o crescimento da sociedade de uma maneira geral, mostrando os exemplos positivos pra que eles sejam multiplicados pelas outras pessoas que assistem ao noticiário da televisão e também as mazelas, as coisas ruins, as denúncias, os problemas da comunidade, para que a partir da divulgação desses problemas eles sejam resolvidos. Essa é a comunicação positiva que a gente pretende.¹⁵

Em 2007 uma série de mudanças mexeu com o dia-a-dia da *TV Coroados*. Foram adquiridos novos equipamentos com a produção jornalística 100% digital. Agora a emissora caminha rumo à digitalização também do sinal de transmissão, segundo o Superintendente de engenharia da RPC, Ênio Jacomino:

Nós estamos iniciando os preparativos de toda a infra-estrutura da emissora pra que em 2009 a gente possa transmitir em digital. Esse é o primeiro passo que está acontecendo agora que é a mudança de todo o sistema de jornalismo pra tecnologia

¹⁵ Entrevista concedida por Wilson Serra, diretor de jornalismo da RPC – TV no dia 11 de dezembro de 2007.

digital. Nós estamos mudando mais alguns equipamentos e também a parte de infraestrutura porque nós vamos ter que trocar transmissor, montar mais uma antena na torre, então isso exige uma série de modificações, uma série de adaptações dentro da emissora: reforço de torre, energia elétrica, (...) pra adequar a emissora para que no ano de 2009, ela esteja completamente pronta para iniciar estas transmissões digitais.¹⁶

Considerações finais

Com a realização deste trabalho ficou evidenciada a importância da história oral e das fotografias para o resgate dos acontecimentos, principalmente no que diz respeito aos primeiros anos da *TV Coroados*. Os testemunhos são, não só, uma forma de recuperar a história, mas de aproximar os fatos do cotidiano através da identificação dos personagens. Este artigo foi apenas o primeiro passo de um estudo ainda em desenvolvimento, que mostra o quanto a história pode ser enriquecida por depoimentos. Fatos ainda obscuros sobre a *TV Coroados* de Londrina podem ser esclarecidos com a técnica da história oral. Um deles é com relação ao que teria acontecido com o próprio arquivo e os motivos que levaram ao desaparecimento dos primeiros registros da emissora.

Percebeu-se ainda a importância das fotografias para materializar as explicações dos narradores. Estimuladas pelas imagens, as memórias dos narradores permanecem vivas. Basta agora um estudo com mais tempo, recorrendo ainda a jornais, ao museu da cidade e a outros entrevistados para se completar as lacunas que ainda restam ao logo desses mais de quarenta anos de história da *TV Coroados*.

Ficou claro também o papel da emissora no desenvolvimento de Londrina e região mostrando que o espaço conquistado pela *Coroados* na comunidade foi conseguido com grande esforço e que hoje o desafio é manter esse prestígio junto ao público. Algo que requer não apenas investimentos tecnológicos, mas também mais espaço para a programação local, lembrando assim os tempos em que a TV não tinha cor, era toda feita ao vivo, na base do improviso, transmitida com um sinal fraco e cheio de ruídos. Dificuldades que estimularam a dedicação e o talento dos funcionários e do departamento de jornalismo que sempre procurou prestigiar os fatos, os acontecimentos e as pessoas da região.

Referências

¹⁶ Entrevista concedida por Ênio Jacomino, superintendente de Engenharia da RPC, no dia 11 de dezembro de 2007

BARBOSA, Rodolpho de Castro; CARREIRA, Ana Carolina Domenes. **Cidade da Comunicação - Nos 150 anos de Ribeirão Preto, as comunicações revolucionaram a vida da cidade**. Barão de Mauá: Jornal do Barão, Junho de 2006 . Disponível em:

<<http://www.baraodemaua.br/jornal/2006/junho/150rp2.htm>>. Acesso em: 2 de abril de 2008.

COSTA, Rosa Maria Cardoso Dalla. **A História da Televisão no Paraná: um jeito próprio de fazer parte da televisão brasileira** - disponível em:

<http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20de%20historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20audiovisual/trabalhos_selecionados/ro_sa_maria_costa.doc>. Acesso em: 2 de abril de 2008.

FELIZARDO, Adair; SAMAIN, Etienne. A fotografia como objeto e recurso de memória. **Revista Discursos fotográficos**, Londrina, v.3, n.3, p.206-220, 2007.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de história oral**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1996.

JUNIOR, Jamur. **Pequena história de grandes talentos: os primeiros passos da televisão no Paraná**. Curitiba: Grafipar, 2001.

MAZÂNEK, Renato. **Ao vivo e sem cores – o nascimento da televisão no Paraná: o testemunho de uma história**. Curitiba: Guiatur, 2004.

MORAES, Fernando. **Chatô: o rei do Brasil: a vida de Assis Chateaubriand**. 2.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

ROCHA, Ederval Camargo. **Imagem e cotidiano – história da TV Coroados Londrina (PR)** disponível em: <http://www.jornalismo.ufsc.br/redealcar/cd/grupos%20de%20trabalho%20de%20historia%20da%20midia/historia%20da%20midia%20audiovisual/trabalhos_selecionados/ederval_camargo_rocha.doc> Acesso em: 2 abril de 2008

ROCHA, Ederval Camargo. **Televisão no interior: TV Coroados – um breve história**. 2003 - monografia (graduação em História) – Universidade Estadual de Londrina – UEL – Londrina.

Tablóide digital. Disponível em: <<http://www.millarch.org/ler.php?id=805>>. Acesso em: 12 de abril de 2008.